

Ontem não te vi em Babilônia

António Lobo Antunes

Download now

Read Online ➞

Ontem não te vi em Babilônia

Antônio Lobo Antunes

Ontem não te vi em Babilônia Antônio Lobo Antunes

Em *Ontem não te vi em Babilônia*, Lobo Antunes cria um quebra-cabeça fascinante, que aos poucos se revela aos olhos do leitor.

É madrugada e, conforme a noite avança até as primeiras horas da manhã, os personagens deste livro magnífico — décimo oitavo na carreira de Antônio Lobo Antunes — rolam insones na cama, assombrados por memórias dolorosas de perda, traição e morte. Suas lembranças se entrelaçam umas às outras, criando uma impressionante trama de múltiplas vozes.

Ana Emília não se esquece da morte da filha, um suicídio quando contava apenas 15 anos. Alice, ex-enfermeira de um hospital de província, casada com um homem calado e truculento, repassa acontecimentos difíceis da infância. E Osvaldo, seu marido, acordado no quarto ao lado, se recorda inicialmente da mãe, que morreu quando ele ainda era criança, e, com o passar das horas, lembra eventos mais recentes, que ligam intimamente os personagens.

Antes de se aposentar, Osvaldo era um policial que torturava e matava “inimigos da Igreja e do Estado”. Suas ações, muitas vezes descomedidas, acabaram por selar o destino de todos os que, durante essa noite, são atormentados pela memória. Em *Ontem não te vi em Babilônia*, Lobo Antunes cria um quebra-cabeça fascinante, que aos poucos se revela aos olhos do leitor.

Ontem não te vi em Babilônia Details

Date : Published October 17th 2008 by Alfaguara Brasil (first published 2006)


ISBN : 9788560281602

Author : Antônio Lobo Antunes

Format : Paperback 440 pages

Genre : Fiction

 [Download *Ontem não te vi em Babilônia* ...pdf](#)

 [Read Online *Ontem não te vi em Babilônia* ...pdf](#)

Download and Read Free Online *Ontem não te vi em Babilônia* Antônio Lobo Antunes

From Reader Review Ontem não te vi em Babilônia for online ebook

António Lima says

Durante anos, apresentei Lobo Antunes a quem tinha a paciência de me ouvir como o maior escritor vivo português e um dos maiores do mundo.

Uma voz só dele (mesmo que a várias vozes), um enraizamento profundamente indígena que ao mesmo tempo conseguia ser tão "global" quanto a natureza humana pode ser, uma dificuldade com que nos obrigava a lutar para depois nos deixar agarrados aos seus personagens e a cada uma das suas histórias...

Mas confesso que se me começa a parecer cansativo o "modelo". Nunca foi autor em que se pegasse de ânimo leve ou em qualquer momento de leitura de férias ou de cabeceira. Sempre nos exigiu que estivéssemos preparados para sofrer, deprimir, ler, reler e voltar atrás. Sem concessões; sem facilidades.

No entanto, desta vez, com este livro, tive alguma dificuldade para me deixar levar por mais crianças abusadas, por outros fascistas sádicos, pelo enésimo pai incógnito, ou pelos pobres que sobrevivem no mau gosto dos naperons num qualquer arrabalde lisboeta.

E ainda que a força da escrita esteja lá, que a beleza de algumas frases nos puxem a relê-las, desta vez estava a contar as páginas que faltavam para chegar ao fim, coisa a que nenhum leitor está obrigado (evidentemente).

(A levar um livro até ao fim, quero dizer).

E vou deixar passar um tempo antes de ler o próximo. Conto com algum das fases iniciais para tentar reencontrar-me com a simplicidade inteligente (ainda que sempre cheia de miséria e de desgraça) que já lhe encontrei.

Vasco Ribeiro says

A edição que li, embora tenha a mesma capa que aparece aqui, e o mesmo ISBN, tem apenas 479 páginas, é da Publicações D Quixote (informação que aqui não aparece) é uma edição Non varietur com estabelecimento do texto por Eunice Cabral. Não sei porquê não tenho permissões para atualizar estes details, nem sei como se faz.

Quanto ao livro em si: Não sou fan de autores, não sou seletivo na escolha de livros e autores, pelo que tento de ler de tudo, não estando à partida predisposto para gostar (ou não gostar, claro) de um livro.

Deste não gostei. Essencialmente por ser difícil de ler. Encontrei apenas o ponto final na última página e, salvo erro, um outro algures a meio do livro que infelizmente não fixei, senão dir-vos-ia onde. Se calhar é gralha.

Na verdade custa-me ver proteger com a ideia de liberdade artística um texto que se fosse escrito numa prova liceal de Português seria reprovado por falta de pontuação.

Até porque acho que a pontuação faz falta.

Mas nem é esse o maior problema: Ao contrário do que li em várias "reviews" eu confesso que não percebi o livro.

Coerentemente tenho de dar apenas 1 estrela: Não gostei de não ter percebido nada, e só se tivesse percebido é que poderia ter gostado.

Mas sou persistente, infelizmente para António Lobo Antunes tentarei ler outros livros dele e fica prometido: Se dessa vez perceber a mensagem do autor, dar-lhe-ei, com gratidão, mais do que uma estrela.

Marco Caetano says

<http://conspiracaodasletras.blogspot...>

Aconteceu magia na Feira do Livro de Lisboa. Algo que ainda hoje tenho dificuldade de explicar ou até mesmo de perceber. Quando passeava no recinto do grupo Leya em busca de novidades, vi uma fila enorme para autógrafos. Surpresa das surpresas, era António Lobo Antunes. Não resisti e apesar de saber que teria um largo tempo de espera à minha frente, fui escolher um livro ao calha para, também eu, garantir o meu autógrafo. Foram talvez cinco minutos apenas, mas asseguro que foram muito intensos... Uma experiência que gostaria de repetir...

Escolhi *Ontem Não te Vi em Babilónia*. Porquê? Não sei, havia algo que me dizia que deveria ser este o primeiro. Sinceramente não sei se fiz uma boa escolha. O próprio António Lobo Antunes me questionou se era o primeiro livro dele que iria ler. Quando lhe respondi que sim, falou-me um pouco do enredo e alertou-me que iria ser difícil de ler, mas que valeria a pena pois no final iria perceber. Será que percebi? Quero acreditar que sim, mas do que tenho a certeza é que serviu para me apaixonar pela sua escrita.

Sobre o título, *Ontem não te vi em Babilónia*, li algures que o autor disse que também poderia ser *Ontem Não Te Vi No Corte Inglês* ou tão-somente *Ontem Não Te Vi*. De facto não poderia estar mais de acordo, mas a magia de António Lobo Antunes também passa pela forma superior como baptiza as suas obras. Nunca vi outro autor com tamanha capacidade de escolher os títulos.

Numa noite de insónias, várias pessoas com medo de falar, relatam o seu ontem. Entre a meia-noite e as cinco da manhã cada uma delas dá o seu testemunho, mente, inventa, mostra os reflexos de uma sociedade, mostra um pouco do autor. Verdadeiros quebra-cabeças que teimam em atormentar quem apenas quer esquecer o passado.

Ana Emília quer esquecer a morte da filha, um suicídio quando tinha apenas 15 anos. Alice, outrora enfermeira, quer esquecer a infância, mas quer também esquecer o presente. Quer esquecer Osvaldo, o seu marido, tuberculoso, que dorme no quarto ao lado. Não dorme, está também acordado, também ele querendo esquecer a morte da mãe quando era ainda uma criança.

A noite vai avançando e vão-se descobrindo laços que ligam intimamente as personagens. Como num bailado de andorinhas que procuram o ninho sem caminho certo, também a cabeça do leitor procura o fio condutor que permite atingir o final do livro. Aí também nós passamos por uma insónia, por um pesadelo. No meu caso o “pesadelo” foi ler pela primeira vez este mestre. Parece que se institucionalizou que António Lobo Antunes é imperceptível e apenas para sobredotados. Talvez de facto eu ainda não estivesse preparado. Se achei confuso? Difícil? Provavelmente, mas tenho a certeza que vou repetir.

Mauricio says

Pésimo.

Luís C. says

With *Ontem Não Te Vi Em Babilónia* António Lobo Antunes pushes to the limit his writing. He gives us to read a book doubly difficult, because it reveals the bitter interiority of deeply destroyed because it uses characters and unpublished literary devices.

This book chapters into sub chapters from midnight to five am, from character to character, slipping away endless hours of insomnia. It's a real maze in which polyphonic António Lobo Antunes invites us to enter. All soliloquies are similar to appalling nightmares in which he is really difficult to sort fact from fiction. All actors are related to "the man", the main character of this book. All actors are also beings deeply destroyed. "Man," this despicable agent of the political police of Salazar, specialist of liquidations and torture, the day before he seems to fear the vengeance of his former colleagues. He thinks of her elder sister who raised him and he lost sight, he sees and reviews interminably the coffin lid that falls and crushes the face of his mother. The death of the latter, while still a child, caused an injury to fatal consequences. Anna Emilia, mistress of 'man' and wife of a policeman brutally murdered by her lover, thinking of her daughter committed suicide fifteen years after the murder of his father. Alice, wife of "man" forsaken and his frustrated mother of desire, sees his terrible father landowner and saw abortion that was imposed on her by her husband. People hurt by life, sick of their childhood, sad lives, vegetative, animal; infinitely painful images of death, torture, violence, abandonment, rejection, murder, abortion, loneliness - mingling confusedly at the dawn of old age, in the form of balance sheet, past and present - tormented without respite all actors in this drama.

Each narrator - a single, long single sentence by chapter - takes the floor. These are long monologues nonlinear, repetitive, constantly interrupted, obsessive (doll, oak, ear, bicycle loop, spoon strokes on a box of tin, extinct planets ...). About the sometimes incoherent, that of a mentally ill? The text is fractured, complex and served by a difficult punctuation. A network of monomaniac metaphors - dogs, birds, trees - happening in the story of a character to another; the dead speak; does it consider the possibility of a single narrator? Anna Emilia, in the last chapter, claims this role and says she lied. Lobo Antunes himself once and very briefly - to Hitchcock - appears.

Ontem Não Te Vi Em Babilónia is difficult to read, but that's the price to pay to follow as ready thoughts of the characters. We feel their pain, their anguish, their loneliness, their irregularity. It sees the possibility banality of monstrosity. Certainly clarity is gained but is not found, giving me it seems and this is my only reservation, all that makes or breaks the usual beauty of the language of Lobo Antunes.

Chico says

Magnifico.

cdpc44 says

Adoro o título mas não consigo encontrar-me no texto...

lá está... às vezes não interessa se o livro é bom ou é mau, interessa também o esforço do leitor porque este último também escreve o texto.

G says

I really tried to enjoy this book, but it has one of the worst qualities of ALA - in fact you find it in every book of his, but here is too much - the book is bloated. The plot thread is thin as a razor, so to keep going for 450 pages is quite tiresome.

Christopher Langner says

Terribly difficult read but an amazing linguistic exercise on how to portray the world from a flow or consciousness standpoint. Lobo Antunes revived surrealism in our era in a way that I had only seen Anaïs Nin do.
